



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano I - nº 4

Vitória-ES

Junho de 2011

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



MAES

Um Museu plural

APRESENTAÇÃO



Joelson Fernandes
joelson.fernandes@secult.es.gov.br

Esta edição do número 4 do Caderno D, parceria vitoriosa da Secretaria de Estado da Cultura com o Departamento de Imprensa Oficial (DIO), revela que a revista está atingindo um padrão de qualidade capaz de revelar aspectos variados do padrão capixaba de qualidade em se tratando de cultura e produção editorial. O primeiro destaque vai para o trabalho de Vitor Graize sobre a obra do escritor mais atuante na vanguarda editorial capixaba: Reinaldo Santos Neves. Graize, por sinal, está adaptando uma das obras de Reinaldo para o cinema, o que evidencia ainda mais o grande potencial de integração entre nossos realizadores com a legítima literatura capixaba.

Também chamo a atenção para a historiadora Janaína Melo sobre os 12 anos do Museu de Arte do Espírito Santo, batizado com o nome do grande mestre Dionísio Del Santo. Suas observações sobre o grande número de mostras de qualidade realizadas desde a abertura da instituição são complementadas por depoimentos de Almerinda Lopes, Simone Neiva, Carlos Martins e Tom Boechat. Ainda no universo das artes visuais, a professora Adriana Magro aborda questões fundamentais sobre o acesso à produção artística. Fabricio Noronha, um dos fundadores do grupo Sol na Garganta do Futuro, também um dos articuladores do Fora do Eixo no Estado, aborda questões coletivas importantes para nossa cultura. E, para finalizar, Ana Murta faz um apanhado histórico de produções cinematográficas capixabas, e um dos criadores do Clube Big Beatles fala do empreendedorismo cultural e do projeto Clube Sócio de Carteirinha, que trouxe artistas nacionais e internacionais para se apresentar no Espírito Santo.

E fechando a edição, a foto de Edson Chagas confirma a frase: muitas vezes, uma foto vale mais do que mil palavras para retratar nossa cultura. Boa leitura!



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

JOSÉ EDUARDO FARIA DE AZEVEDO
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOSÉ PAULO VIÇOSI
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

MAURÍCIO SILVA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Capa

Foto Yury Aires

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



“Toda obra de arte é de alguma maneira feita duas vezes. Pelo criador e pelo espectador, ou melhor, pela sociedade à qual pertence o espectador”

Pierre Bourdieu, 1986.

A *Arte* e seu ensino: diferentes questões, múltiplas significações.

O pensamento de Bourdieu nos apresenta a dimensão da arte e também sua compreensão, pois, o artista cria e significa “imagens” assim como o espectador que as observa e atribui a elas significações. Também para Duchamp, a obra só se completa na/em presença do espectador e, para finalizar, para Hélio Oiticica, a obra de arte só se completa ao se dar ao enfrentamento dos outros.

Na esteira dos pensamentos acima, Arte e ensino são áreas aliadas por permitirem realizar associações, instaurar questões, suscitar reflexões, provocar efeitos de sentido e também por convocar à sua observação diferentes áreas de conhecimento.

A arte, de modo geral, está (e esteve) ao longo de sua história, pautada muito mais em dúvidas e questionamentos do que em afirmativas absolutas e em certezas, a arte provoca hipóteses, lança e instiga um olhar inquieto, atento, investigador.


Também é assim que acontece o ensino; como um ato de rebeldia. Propomos-nos ao aprendizado quando nos rebelamos contra a ignorância, à socialização das diferenças quando nos rebelamos contra a uniformidade do modo de viver e ver o mundo.

O universo da Arte e de seu ensino seriam impensáveis sem esses atos de rebeldia, sem esse olhar inquieto. A “rebeldia”, a “inquietação” são pressuposições básicas de qualquer ato criativo!

Essa introdução nos mostra a complexidade da Arte (em especial a contemporânea!) e, conseqüentemente, de seu ensino. Porém, ao mesmo tempo que sentimos essa complexificação dos conceitos de arte e de ensino, somos seduzidos a nos colocar como protagonistas dessas áreas de saber como que num mergulho nas múltiplas significações atreladas a discursos verbais, visuais, gestuais e de práticas sociais que somente a arte e seu ensino podem proporcionar.

Diante dessas breves considerações aponto alguns aspectos a serem analisados nas mais diferentes instituições em que a Arte explicita seus modos de funcionamento e suas significações.

A Arte e seu ensino tratam de diferentes questões, de múltiplas significações, instalando estados de tensão entre obras e espectadores em encontros profundos, pois Arte e conhecimento são construídos incessantemente, na medida mesma da própria produção e fruição da obra de Arte.

É necessário o investimento urgente no acesso à fruição da obra de Arte e na sua significação; na continuidade das pesquisas que mostrarão os caminhos já percorridos e os a serem ainda construídos com o artista e o educador juntos, elaborando saberes que são sim específicos a cada um, mas que se imbricam e se fortalecem no âmbito da socialização e do fomento de “estados diferentes de ser” . 



Adriana Magro

Professora do Departamento de Linguagens Cultura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo

CAPA

Um *Museu*

O século XXI trouxe consigo paradigmas que estão sendo ainda processados pela sociedade como um todo e, aqui em especial, pelas instituições museológicas. Os novos museus procuram responder às perguntas realizadas, de maneira aguda e cortante, por este novo século. Perguntas como de que maneira estas instituições podem se adequar a novos modos de produção de conhecimento e de arte? Como podem se organizar para receber seus novos públicos? Como elas podem extrapolar suas barreiras físicas e atingir em efetivo um público verdadeiramente outro, dando abrigo também àquele que esteve apartado deste espaço?

Ora, se pensamos em uma instituição museológica que já busca responder há algum tempo a estas questões, então podemos estar certos de que ela caminha na direção da abrangência que a contemporaneidade solicita. Se, ao ler estes parágrafos você leitor se perguntou se refletíamos sobre a instauração do ainda embrionário – porém real – Cais das Artes, saiba que nos referimos aqui às ações já empreendidas e às políticas já desenvolvidas pelo Museu de Arte do Espírito Santo – Dionísio Del Santo.

Em 2012 – ano da ancorada do Cais – o Maes completa 14 anos. Sua atuação nos últimos quatro anos visou a estabelecer o Museu como um espaço de fomento à reflexão e ao pensamento contemporâneo.

A promoção de exposições – temporárias ou permanentes – cumpre um dos papéis projetados para o Maes. Os outros estão pautados na busca de respostas possíveis às perguntas geradas pela exposição. Ao privilegiar o diálogo entre diferentes áreas e conceitos o Museu se materializa enquanto um espaço aderido não só ao campo de conhecimento ao qual propõe discutir, mas e principalmente, aderido aos indivíduos que se utilizaram deste espaço para compartilhar

conceitos, memórias e experiências.

Quando pensamos em ações que tem como meta valorizar o acervo do Museu e sedimentar uma memória artística do capixaba, percebemos o quanto o Maes inverte a lógica e pede ao espectador que não venha só buscar, mas que deixe também um pouquinho de si e de sua história aqui, no Museu.



Janaína Melo
historiadora com atuação na área de crítica, curadoria, pesquisa e ensino de arte


Texto escrito em colaboração com Melina Almada Sarnaglia



Janaína Melo
 janaina.melo@inhotim.org.br

para todos os lados

Ao que nos parece, a busca do Museu é de oferecer um espaço para que o público especializado da arte possa refletir e produzir conceitos, mas é também de oportunizar o acesso de outros públicos e de produzir, com eles outros conceitos. O Programa de Arte-Educação e o iminente atendimento ao público surdo via parceria com a UFES, se instauram como exemplos frutíferos destes dois eixos de atuação.

Assim, visualizamos o Museu respondendo com assertividade, clareza e propriedade aos desafios propostos por esse novo mundo que se vislumbra e, principalmente, para este novo cenário político econômico e cultural que se cristaliza no Espírito Santo. Um Museu que volta seu olhar para o outro, para dentro e para fora. Um Museu, para todos os lados. 



Carlos Martins
 martinscarlos@gmail.com
 Gravador, desenhista, museólogo, curador e professor. Curador da Coleção Brasileira da Fundação Rank-Packard/Fundação Estudar

É importante ressaltar que a atuação desenvolvida nesses últimos anos pelo MAES definiu um campo de ação a ser preservado e estimulado, uma vez que vem alcançando plenamente os objetivos de um museu de arte voltado à comunidade capixaba.

Assim, manter uma sala de exposições com obras do acervo seria de grande valia não apenas para o MAES, mas também para o Espírito Santo. Recortes específicos da coleção, expostos sistematicamente, vão levar ao público a intenção da instituição de colecionar, conservar e divulgar um acervo artístico/cultural, um patrimônio público.

O programa de exposições, organizadas ou abrigadas pelo MAES, complementam e diversificam suas ações, possibilitando ainda mais uma atuação efetiva da área educativa do museu, como por exemplo Projeto Museu na Escola, proposta exemplar de atuação museu/comunidade.

É fundamental que seja preservada e desenvolvida a atuação do MAES junto ao público, onde são privilegiados aspectos que estreitam a relação do museu com a educação e a cidadania por meio das ações propostas nos projetos e nas curadorias educativas das exposições.

Simone Neiva
 simoneiva@gmail.com
 arquiteta e usuária do Museu



O MAES busca trazer exposições de outras instituições do país que, a princípio, não viriam à Vitória. Percebemos nestas exposições a busca pela excelência executada em outros espaços renomados do país, tanto das exposições de outras instituições quanto nas produzidas pelo próprio Museu.

Tom Boechat
 tomboechat@gmail.com
 fotógrafo e usuário do Museu



A primeira coisa que me vem a mente quando penso no Museu de Arte do Espírito Santo – Dionísio Del Santo é a oportunidade de conhecer e me apaixonar pela obra de Dionísio Del Santo. Na exposição Dionísio Del Santo, em 2009 pude me aprofundar em sua obra de modo que quando hoje, vejo uma exposição sua na Caixa Cultural em São Paulo, por exemplo, sinto que de alguma maneira somos todos nós que ali expomos. Outro ponto, é o acolhimento feito ao visitante por toda a equipe, proporcionando um ambiente de proximidade e pertencimento.



Almerinda Lopes
 aslopes@npd.ufes.br
 Professora associada da UFES, curadora, crítica e historiadora de arte

Ainda bastante jovem, contando com apenas 11 anos de existência, o Museu de Arte do Espírito Santo “Dionísio Del Santo” tem mantido nos últimos anos um calendário permanente de exposições de artistas nacionais e estrangeiros de expressivo significado, ciclos de palestras e um serviço educativo de apoio à rede escolar. Tal programação tornou a instituição respeitada e freqüentada por visitantes de todas as faixas etárias e condições sociais, que ali desvendam a possibilidade de ampliar conhecimentos e desenvolver potencialidades como a sensibilidade, a criatividade e o senso crítico. Essas ações transformaram o Museu em uma das principais referências do circuito artístico brasileiro, e contribuem para projetar o Estado do Espírito Santo como importante pólo de produção, difusão e valorização da arte produzida no âmbito local e nacional.

LITERATURA

A *Folha de* Romance bilíngüe

Há um aspecto em *A Folha de Hera: Romance Bilíngüe* (2011) que, comparado à mesma passagem de *A Crônica de Malemort* (1978), evidencia um ponto de partida comum manipulado de dois modos bem distintos por Reinaldo Santos Neves.

Os dois textos começam já no meio de uma frase, capítulo pela metade, e constantemente fazem referência a assuntos que não lemos, mas que o narrador julga conhecermos. Isso se deve à supressão das primeiras 80 páginas da *Crônica* ou ao desaparecimento das primeiras 35 folhas do manuscrito que é o corpo de *A Folha de Hera*, cujo primeiro de três volumes nos chega agora às mãos. No primeiro caso, opção do autor, que à época publicava seu segundo romance, para “fisgar o leitor”; no segundo, apenas um dos fios da complexa teia de falsas atribuições que envolve a tradução da *Crônica de Malemort* para o inglês médio e sua retradução para o português, em versão ampliada.

Temos aí a primeira evidência, entre tantas, do amadurecimento e também da grande ambição de Reinaldo Santos Neves, autor do enredo, tradutor de si mesmo e criador de paratextos que conferem ao livro um notável grau de originalidade e demonstram a habilidade do escritor na arte de emaranhar universos como forma de expandir a literatura, a sua própria e a universal, dialogando, entre tantos, com Thomas Mann e Jorge Luís Borges, além das incontáveis cartas anônimas e mensagens encontradas em garrafas, muito usadas ao longo da história para preservar o autor, que preferia se identificar apenas como editor ou nem isso.

Já os textos paralelos citados obje-

tivam, como bem explica Reinaldo no prefácio, “dar aos leitores a ilusão de que [o romance] não é o que de fato é – uma obra de literatura brasileira – e de que é o que decerto não é – um romance norte-americano até agora inédito de autoria de um nova-iorquino chamado Alan Dorsey Stevenson, cuja tardia primeira edição, dentre todos os países possíveis, se promove logo aqui no Brasil, acompanhada de tradução integral para o português feita pelo romancista brasileiro Reynaldo Santos Neves”.

O fato de atribuir a autoria do Manuscrito Alfield, versão inglesa datada de 1483 da *La Vraye Cronicque de Malemort*, a um anagrama de seu próprio nome não é a única falsa atribuição de Reinaldo, já que a tradução para o português teria sido feita por Reynaldo Santos Neves, o que nos leva a Sueli (1989), cujo narrador é Reynaldo; e ainda porque há, além do cronista francês, um tradutor inglês e uma historiadora norte-americana que teria transcrito a única cópia existente do manuscrito e que, finalmente, pelas mãos de Alan Stevenson teria sido publicada.

Além de anotar que *A Folha de Hera* não é apenas uma edição bilíngüe, mas um romance bilíngüe, já que essa qualidade acompanha o projeto desde sua concepção e afeta diretamente a narrativa, é preciso destacar as notas de rodapé. Se na *Crônica* grande parte delas servia para explicitar as fontes literárias nas quais o escritor exercitava uma anunciada pilhagem de frases e mesmo trechos inteiros, intertextualidade exagerada e explícita, agora, em número bem superior, as notas servem para ressaltar detalhes históricos e, com maior ênfase, apontar os meandros da



Vitor Graize

Jornalista, diretor e produtor audiovisual. Em 2011 lança *As Horas Vulgares*, seu primeiro longa-metragem, roteiro adaptado do romance *Reino dos Medas*, de Reinaldo Santos Neves.

Vitor Graize

vitorgraize@gmail.com

Hera:



traduções, indicando uma valorização do autor a esse feito, o da autotradução, mais do que à intertextualidade.

Na tradução do pretenso texto medieval pulsa a inventividade do escritor. Em repetições de palavras, redundâncias, erros de transcrição/tradução e neologismos traduzidos como tal ou mantidos na forma original, comuns nas cópias da Idade Média e que o escritor assume à maneira de um bom aluno, permitindo-se usá-las a favor de seus intuitos, estão pequenos ruídos que desmontam a imersão completa do leitor, quebram a seriedade casta do narrador extremamente religioso, recordam tratar-se A Folha de Hera de algo mais do que uma história que é contada pela primeira vez – o que não é por dois motivos aparentes: pelo fato de ser A Crônica de Malemort ampliada e por ser esta uma assumida pilhagem de textos de outros autores.

Quanto ao resultado das tantas falsas atribuições, há de se pesar que é possível ignorá-las e ler o romance como uma crônica medieval bem contada; mas pode ser de uma beleza assustadora perder-se e deixar-se prender na teia criada por Reinaldo Santos Neves. Como o Roger Amidieu do romance, que se oferece em sacrifício em nome de Deus para salvar a honra do pai, o senhor de Malemort, deixar que a mão do escritor conduza seu destino, leitor, tendo ao final a inquietante sensação de que é preciso sempre desconfiar. □

AUDIOVISUAL

Coletivos de coletivos de coletivos de

CR



Fabricio Noronha
Escritor e realizador
audiovisual. Vocalista da
banda Sol na Garganta
do Futuro e um dos
articuladores do Fora do
Eixo no ES

Alcatéia, Arquipélago, Banca, Bando, Cáfila, Cardume, Corja, Feixe, Junta, Manada, Molho, Ninhada, Quadriha, Ramalhete, Roda, Talha, Vara, Banda, Cacho, Cambada, Caravana, Constelação, Coro, Falange, Frota, Horda, Legião, Matilha, Multidão e Rebanho. Qual é o coletivo de possibilidade?

Arte potência de encontros. Tem que ter contato. Portanto, juntos juntos juntados. Sou uma coisa entre eu e o coletivo. Não é só porque é mais fácil ter ali a mão um parceiro-pau-para-toda-obra, é porque assim as ideias fluem de outra forma. (Alcançam outros lugares). Coletivo de arte e cultura é potência. Hoje no Espírito Santo se organiza uma rede desses coletivos. Não é só porque é mais fácil ter ali parceiro um coletivo que vai quebrar o galho na hora de, por exemplo, diagramar um cartaz de um evento ou fazer a transmissão ao vivo do mesmo.

Rede de coletivos de arte e cultura é a multiplicação dessas ideias desses caminhos. É eficiência.

Tem mais ou menos dois anos que o SEBRAE chamou a galera para conversar. Levantou dados, traçou metas, discutiu conceitos e aos poucos foi se afinando o que seria no entendimento da instituição e dos produtores uma visão mais mercadológica e potente desses processos. (Não é um debate simples). É tudo muito intuitivo no universo da produção artística e cultural. Aqueles termos, aquelas metas, os prazos, as porcentagens pareciam de outro mundo para rapaziada frente de lança da produção coletiva no ES. Aos poucos,



Fabrício Noronha

email.fabricionoronha@gmail.com

iativos

reunião após reunião, todo mundo foi entendendo que também é possível traçar metas no intangível e o Coletivos Criativos, agora em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado (SECULT-ES) ganhava força e maturidade.

Estamos falando de um processo que não aconteceu só dentro dessas reuniões, claro. É tempo de implementação e estabelecimento do Rede Cultura Jovem como uma das principais ações da SECULT-ES. É tempo da chegada com timidez e depois com força do coletivo Fora do Eixo em terras capixabas. Cada vez mais o termo coletivo é entendido pelas pessoas, pela imprensa, espalhando-se na internet.

Dentro de pouco tempo, o Coletivos Criativos será lançado. Unindo em um cronograma comum de ações, eventos, intercâmbios e produtos de aproximadamente 15 coletivos de arte e cultura do Espírito Santo, mais de 100 agentes e artistas. É uma turma que produz filmes, vídeos para internet, exposições de cinema, publica revistas, livros, elaborando projetos de design, desenvolvimento tecnológico para internet, espetáculos multimídia, intervenções artísticas, experimentos pictóricas, obras interativas, programas de rádio, televisão e webtv. Gente que trabalha com humor, poesia, música, produção de evento, internet 2.0, entre outras coisas/linguagens/cruzamentos. ■



Embira



Expurgação



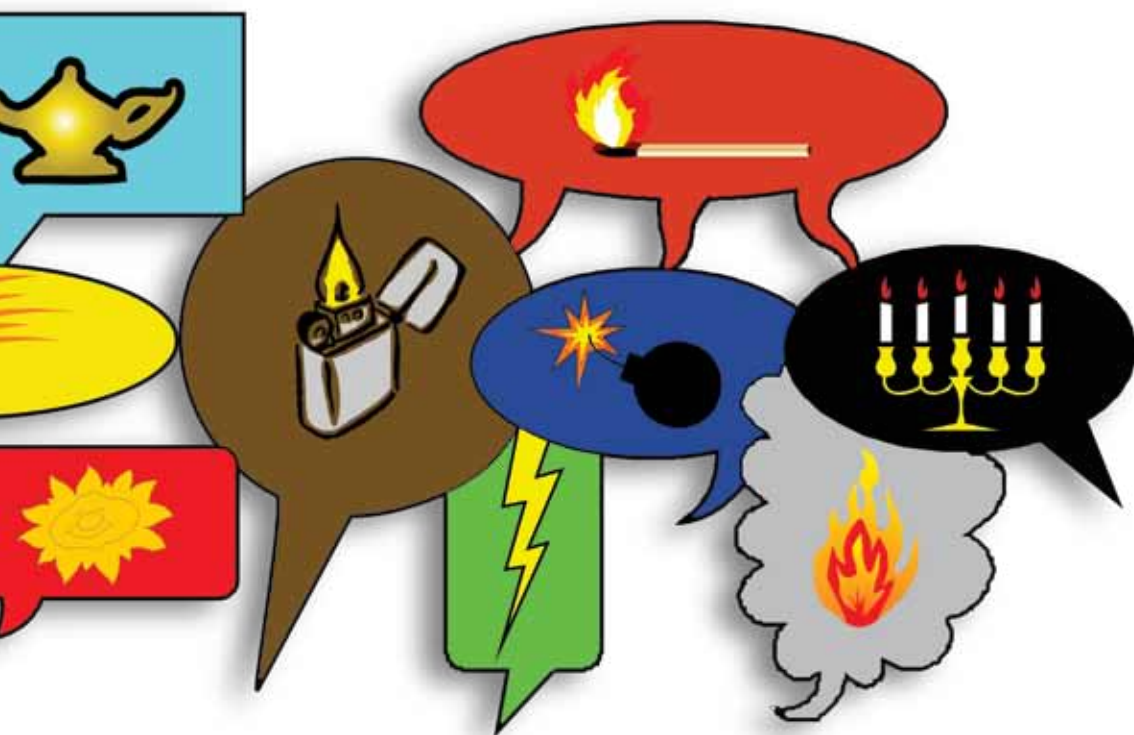
Coletivo Multisensorial



Instituto Quorum



Rede Caranguejo



CINEMA

Aprendiz

Foi em 1998, em plena Avenida Jerônimo Monteiro, num horário extremamente movimentado. Sob a batuta de Erly Vieira Jr., Lizandro Nunes e Virginia Jorge que assinavam a direção, eu e um bocado de futuros cineastas trabalhávamos

na equipe do curta-metragem *Macabéia*, felicíssimos!

Eu desempenhava a função de assistente de som direto, e espremei o microfone no alto com muito esforço, quando um transeunte

se aproximou.

- O que é isso?
- Um filme.
- Para quê?

- Pra passar no cinema.
- Por quê?
- Porque é assim. Tem gente que constrói casa, tem gente que vende roupa, e tem gente que faz filme.

- É por isso que a agricultura está como está.

A história virou um caso, a cena deu certo e o filme ficou pronto. A gente continuou tentando mudar o mundo, e o homem seguiu seu caminho. Mais de dez anos se passaram desde que a minha geração se aventurou por esse mundo. Hoje oriundos da equipe de *Macabéia*, temos pelo menos dez diretores de cinema. Filmes dos mais variados formatos, assuntos e estéticas foram realizados por eles, e por outros cineastas.



Ana Murta
jornalista, roteirista e diretora

Ana Murta

anamurta@hotmail.com

zes

Lizandro Nunes fez Céu de Anil e Nunca Mais Vi Érica, dois filmes que muito se parecem, com uma estética trabalhada para nos colocar no limite entre o real e o sonho, ou resquício dele. Alexandre Serafini, após três filmes, pode ser considerado um cineasta que trata de temas atuais e urbanos com seus Observador, Raiz que Racha Rua e 2 e Meio.

Virginia Jorge fez De Amor e Bactérias, Dia de Sol e No Princípio Era o Verbo, filmes que tratam de fatos e significados do cotidiano. Os documentários Meninos e Uma Volta na Rua da Lama, de Ursula Dart, estão em consonância com as experimentações que estão sendo realizadas nos


grandes centros de produção ligados ao meio acadêmico.

E há muitos mais exemplos. Assim como há também muitos exemplos de falta de qualidade técnica, de falta de profissionais, de problemas na distribuição, no acesso à esses filmes, e etc. Mas o melhor de tudo, é que dessa grande quantidade de realizadores e de filmes realizados, vêm vindo o diálogo.

Pela primeira vez nesta minha jovem história no cinema capixaba, eu vejo discussões, vejo discordância. Vejo profissionais conversando sobre as obras sem a obrigação social de “gostar” delas. Vejo filmes locais sendo não selecionados em festivais locais, vejo reconhecimento do que é

bem feito, do que é mal feito, e gostos à parte.

Vejo um processo. Vejo que os jovens sonhadores que começaram comigo, e tornaram-se adultos, estão mesmo mudando o mundo. Estão fazendo filmes, transformando devagarzinho o cinema feito por essas bandas, e transformando-se enquanto aprendem.

Ainda trabalho com esses cineastas, ainda aprendo com eles e com cada filme. Assim como aprendo com o transeunte, que encontro sempre em cada set de filmagem, em cada cinema que frequento ou na esquina de casa. Só que agora quando o transeunte me confronta, e pergunta o por quê de fazer filmes, eu dou a ele um filme de presente. 

MÚSICA

Empreendedor

Cultura

O Projeto Sócio de Carteirinha da banda Clube Big Beatles está em seu terceiro ano. Todo mês um conhecido nome da música brasileira vem a Vitória cantar e tocar clássicos do grupo de Liverpool a convite da banda capixaba. Até artistas ligados diretamente a história dos Beatles desembarcaram por aqui para se apresentar no Projeto

Já tivemos momentos emocionantes ao lado de Leo Jaime, Zé Renato, Leo Gandelman, George Israel, Leoni, Jerry Adriani, Dado Villa-Lobos, Kiko Zambianchi, Nasi, Kleiton e Kledir, Pepeu Gomes, Paulinho Moska, Beto Guedes, Fernanda Porto, Wanderley Cardoso, Andreas Kisser, Flavio Venturini, Eduardo Araújo, João Barone, Supla, Marcelo Nova e Ritchie.

Na etapa de convidados internacionais tivemos o prazer de conviver com Tony Sheridan, responsável pela primeira gravação fonográfica dos Beatles, e Pete Best que é um dos fundadores e primeiro baterista da banda que revolucionou o mundo. Cada um desses shows reuniu mais de 25 mil pessoas na Praia de Camburi. Momentos memoráveis para os capixabas.

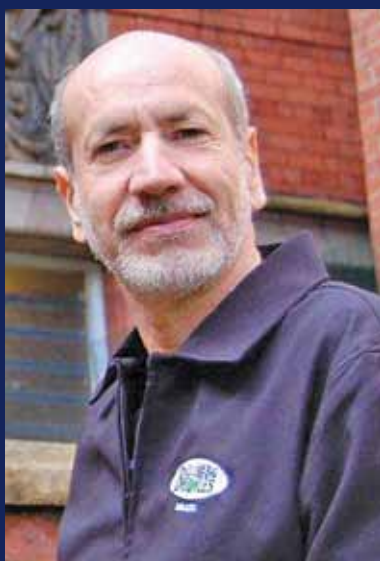
Artistas capixabas também abraçam o Projeto. Natércia Lopes, Marcos Rivero, Sergio Rouver, Amaro Lima e a gloriosa Banda da Polícia Militar do

Estado do Espírito Santo, sob a batuta de Vanderlei Rocha, já emprestaram seus talentos em interpretações de sucessos de Lennon & McCartney.

Com tantas dificuldades financeiras para empreender projetos como esse, às vezes nos perguntamos: como um projeto capixaba pode resistir por três anos consecutivos e trazendo tanta gente importante e de visibilidade? O elo principal é, logicamente, a música dos Beatles. Mas é uma sólida parceria com a iniciativa privada que viabiliza a estrutura necessária para a realização desses encontros musicais. Da passagem aérea até a hospedagem, passando pela promoção, alimentação, criação e produção do material gráfico, realização de vídeos, assessoria de imprensa e mídia promocional, empresários de nossa terra estão presentes investindo no Projeto.

O apoio desses parceiros movimenta a cultura capixaba e permite que o Projeto Sócio de Carteirinha atue em outra frente importante: a formação de platéia. Incentivamos jovens a conhecer a história de cada músico convidado que vem a Vitória para se apresentar ao lado do Clube Big Beatles.

Todos eles, sem exceção, comparecem ao Centro Educacional Leonardo da Vinci, nosso parceiro, para fazer palestras sobre música. São encon-



Edu Henning
Promotor de eventos culturais
através de parcerias

Edu Henning

edu@henningproduz.com.br


rismo

Araral

tros que despertam interesse entre alunos de várias idades. Perguntas da platéia e revelações dos artistas mostram a importância dessa etapa do Projeto Sócio de Carteirinha. Fica evidente, no olhar dos alunos e na qualidade das perguntas aos artistas, que esse também é um momento importante para os jovens em formação.

Agora o Sócio de Carteirinha do Clube Big Beatles entra em uma nova etapa. O SESI passou a ser parceiro e abriu as portas de seu teatro para os shows. Um espaço confortável, com ótimo equipamento de som e luz e estacionamento. Além disso, através do Serviço Social da Indústria foi possível viabilizar preços populares. A consequência é ver na platéia um público mais jovem, que não tinha acesso quando o Projeto acontecia em casas noturnas. É comum ver pais e filhos ouvindo Beatles.

O próximo passo é documentar o Projeto Sócio de Carteirinha em CD com alguns dos convidados que por aqui estiveram e que ainda virão. E você já fica convidado para os próximos shows. Lucas Lima, da Família Lima, Negra Li, o maes-

tro Wagner Tiso, Kid Vinil e Armandinho Macedo com sua inconfundível guitarra baiana, são nomes confirmados até o fim do ano. 



CULTURA JOVEM

Políticas culturais para as *juventudes*

Nos fóruns de debate sobre políticas para juventude, as políticas de cultura estão entre as principais demandas. Em 2008, os delegados da 1ª Conferência Nacional de Juventude deram ao tema da cultura o maior número de recomendações entre as prioridades mais votadas. Entre os anos de 2007 e 2009, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) realizou a Pesquisa Juventudes Sulamericanas. Este estudo também aponta que, entre os grupos juvenis do Brasil, Bolívia, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, a efetivação do direito à cultura é uma das principais demandas do segmento.

A trajetória da construção de marcos legais e de políticas para a promoção e a garantia dos direitos juvenis é recente no Brasil. Tal processo parte da concepção de que cabe ao Estado criar condições para o pleno desenvolvimento sócio, político e cultural das diversas juventudes. Quando um agente público entende que os jovens são sujeitos de direito, significa assumir que a fase juvenil possui demandas específicas a serem atendidas e suas ações devem desencadear processos emancipatórios e geradores da autonomia do sujeito jovem.

Atendendo a essa perspectiva, o Programa Rede Cultura Jovem

(PRCJ) foi pensado enquanto um catalisador de diversas atividades e de projetos que promovem a identificação, a visibilidade, a potencialização e o intercâmbio de experiências artístico-culturais protagonizadas pelas diversas juventudes capixabas. Para isso, o PRCJ aposta na lógica colaborativa presente nas redes sociais da internet para oportunizar o desenvolvimento de talentos, criar fluxos midiáticos em sintonia com a realidade juvenil numa práxis comunicativa marcada pela horizontalidade.

Lançado no final de 2009, o Programa é uma iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo, em parceria com o Instituto Sincades, e atua na constituição e na manutenção de uma rede formada por jovens envolvidos com a arte e a cultura no Espírito Santo. Os diferentes grupos e sujeitos jovens atendidos pelo PRCJ são os produtores e receptores de conteúdos culturais produzidos por meio do uso das novas mídias. As potencialidades comunicativas e cognitivas trazidas pela tecnologia digital e pela democratização da internet são algumas das ferramentas estratégicas empregadas nas ações do Programa.

Ao lidar com a juventude, é preciso, inicialmente, reconhecer a heterogeneidade dessa categoria social.



Paulo Gois Bastos

Jornalista e editor de conteúdos do Programa Rede Cultura Jovem

Paulo Gois Bastos

pgoisb@yahoo.com.br



Ao longo do seu primeiro ano de funcionamento, o PRCJ deparou-se com distintos segmentos juvenis que se relacionam de maneira igualmente diferenciada com o fazer cultural. Assim como as expressões e identidades juvenis são marcadas pela pluralidade, o Programa preza pelo respeito à diversidade de propostas estéticas da criação jovem. Em comum, vale destacar a capacidade desses grupos para colaborarem ativamente com o desenvolvimento social e para desencadear processos de inovação e mudanças culturais.

O PRCJ parte do entendimento de que as políticas culturais devem criar condições e assegurar meios para que os diferentes grupos juvenis tenham o seu fazer reconhecido pelos próprios jovens. Para o Programa, o fazer cultural é pensado enquanto espaço de sociabilidade e de afirmação de identidades, capaz de ampliar a visão de mundo e de gerar pertencimento. O acesso aos meios para a produção e para a fruição cultural se desdobram em espaços e circuitos para a difusão da produção artístico-cultural local. Com isso, os jovens legitimam as suas criações, desenvolvem reflexões críticas sobre os trabalhos uns dos outros e estabelecem parcerias que tornam os seus projetos ainda mais potentes. ■



FOTO

Edson Chagas
edson@edsonchagas.com



Sítio Histórico de São
Mateus - Fotografia
animada em flash [http://
www.foto360.com.br/
largoportosaomateus.html](http://www.foto360.com.br/largoportosaomateus.html)